

APRESENTAÇÃO

Este número da revista *Itinerários* focaliza o tema do *hibridismo* tanto do ponto de vista das *configurações identitárias*, quanto da perspectiva das *configurações formais*, apontando para o aspecto diversificado que esse conceito apresenta atualmente nos Estudos Literários. A organização dos artigos buscou respeitar e assinalar essa diversidade, iniciando a composição do volume pelos aspectos conceituais e teóricos do hibridismo, reunindo a seguir as abordagens sobre identidade cultural, a qual é expressa, em alguns casos, por meio de um estilo híbrido ou de uma forma literária híbrida, e finalizando pela demonstração da coexistência de elementos opostos no texto literário.

Ao assinalar a presença constante dos termos *híbrido*, *hibridez* e *hibridação*, o ensaio de Heidrun Krieger Olinto propõe reflexões sobre projetos teóricos recentes que ensaiam modelos alternativos para entender a complexidade e abrangência de novas constelações híbridas; aponta ainda distinções conceituais em diálogo com modelos teóricos que acentuam igualmente processos híbridos, inter-, trans- e multiculturais em suas propostas de configuração identitária.

A construção da identidade é abordada no texto de Alvany Rodrigues Noronha Guanaes, que investiga a noção de hibridismo a partir de personagens vivendo em uma arena de tensão cultural, que põe em xeque a significação de sua identidade. Por meio da análise de *Ceremony*, primeiro romance da autora norte-americana Leslie Marmon Silko, mostra que o escopo da noção de dispersão se amplia ao incluir os *Native American* como um grupo diaspórico, levando em conta uma dimensão histórica e não o espaço territorial.

Na Literatura Brasileira, o artigo de Bárbara Heller analisa o exílio e a identidade em narrativas de Moacyr Scliar, mostrando que apesar da instabilidade dos termos referentes ao exilado, o conceito de hibridismo proposto por Todorov é o que melhor se adapta ao comportamento das personagens de Scliar. Alexandra Vieira de Almeida analisa as relações entre mito, literatura e hibridismo no romance *Macunaíma*, de Mário de Andrade, detectando o hibridismo em suas várias formas e demonstrando a quebra da identidade cultural e a constituição de sujeitos culturais híbridos.

O hibridismo cultural é o foco do trabalho de João Batista Cardoso, que o define como um fenômeno histórico-social característico de ambientes onde os deslocamentos resultam em contatos permanentes entre grupos distintos. Ao estender o conceito a todo o continente latino-americano, assinala ter este sido palco desses deslocamentos acrescidos da imigração desde os primórdios de sua colonização pelos povos ibéricos, o que o tornou um espaço privilegiado para a abordagem desse fenômeno.

Daniilo Luiz Carlos Micali, a partir de *O enteado* (2002), do escritor argentino Juan José Saer, resgata elementos da Conquista Hispânica da América, trazidos à tona pelas lembranças de um narrador autóctone que constrói poeticamente a sua visão de seu passado junto aos índios da região da Bacia do Rio da Prata. Mas, enquanto as questões de identidade e alteridade transparecem nas entrelinhas, a imanente poesia do texto define o seu aspecto de prosa poética, senão de narrativa poética, traços que apontam para um possível hibridismo literário nesse romance.

É nesse sentido que seguem as reflexões de Luis Maffei em relação ao romance português, *A casa do diabo*, de Mafalda Ivo Cruz, quando assinala, na obra, tanto a existência das venturas e desventuras da protagonista, quanto a presença de um lirismo sempre a ponto de permitir aos vocábulos escapar de seu sentido convencionalizado.

O hibridismo de estilos é também discutido por Raffaella Andréa Fernandez ao discutir, em seu artigo, a problemática acerca da tensão produzida por variações de discursos, que cedem forma à experiência narrativa da “poeta do lixo”, Carolina Maria de Jesus em seu diário/romance/reportagem *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), salientando a mistura de estilos literários pela qual sua literatura é marcada.

Márcio Serelle, por meio de textos de escritores brasileiros, sobretudo os de Moacir Scliar, Luiz Ruffato e Michel Melamed, investiga o modo como a ambiência das mídias é apropriada por eles e como os registros de um tempo literário caracterizado pelo imediatismo, simultaneidade, fluidez e ilusão do programável é colocado em tensão na economia intempestiva de formas literárias híbridas e breves.

José D’Assunção Barros, por sua vez, discute um gênero literário específico cuja maior singularidade é apresentar-se como uma forma literária híbrida – os chamados “livros de linhagens”, fontes genealógicas e narrativas da Idade Média portuguesa (séculos XIII-XIV) –, salientando tanto as situações de inclusão e exclusão social, quanto o hibridismo textual.

Ao optar pela discussão da categoria literária do grotesco, ao mesmo tempo em que examina sua aproximação com a literatura fantástica, Maria Cristina Batalha aponta de imediato a presença simultânea de elementos opostos e demonstra que o resgate do grotesco, com todo o potencial de hibridismo que este encerra, é acionado para atualizar a nova proposta estética, que ganha força nos primeiros anos do século XIX.

A presença concomitante de elementos opostos é retomada no artigo de Maria Clara Xavier Leandro, Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa e Tiago Quintela que, concentrando-se nos deuses, nos monstros e nos humanos, refletem sobre as fronteiras que separam essas figuras na Antigüidade Clássica.

A seção de resenhas apresenta textos de dois colaboradores: Roseli Deienno Braff, tece reflexões sobre o romance de Menalton Braff, *A muralha de Adriano* (2007), e Alessandro Yuri Alegrette comenta a tradução da ficção de Mary Shelley, *O último homem* (2007).

Ana Luiza Silva Camarani
Co-Editora